

Educação

ENTREVISTA/Alicia Fernandez

“É A ESCOLA QUE LEGITIMA A INTELIGÊNCIA DE UMA CRIANÇA”

Sem carinho não dá para ensinar. Nem aprender, avisa a argentina Alicia Fernandez, 54 anos, uma das mais conceituadas psicopedagogas latino-americanas que no início do mês deu aulas para educadores brasileiros em Recife.

As lições de Alicia estão em dois livros traduzidos para o português (A inteligência aprisionada e A mulher escondida na professora), onde ela revisita dois teóricos definitivos: o suíço Jean Piaget e o russo Lev Semyonovitch Vygotsky.

Um especulou que o desenvolvimento da inteligência infantil estaria predeterminado; outro acrescentou que a interação social condicionaria tal desenvolvimento. Para Alicia, é preciso acrescentar afetividade aos dois pontos. Caso contrário a escola corre o risco de transformar-se numa fábrica de fracassados.

“Há problemas com a maioria dos diagnósticos que atribui déficits de capacidade (de aprendizado) a certas crianças. Existem muitos casos de crianças classificadas como deficientes mentais sem serem”, diz ela em portunhol com grande preocupação.

“Oitenta por cento dos que frequentam escolas especiais não deveriam estar ali e vão se transformando em deficientes mentais, pois é sabido que construímos nossa identidade a partir de como os outros nos vêem, do que esperam de nós”, adverte.

Mãe de uma filha gaucha, Maria Sol, 20, Alicia conhece bem o Brasil: na década de 70 ela viveu em Belém Novo, no Rio Grande Sul, para escapar da ditadura militar em seu país. O que diz é uma provocação oportuna no debate sobre a regulamentação da profissão de psicopedagogo, no Brasil ainda uma especialização.

Correio Braziliense — A escola argentina é muito autoritária. Não está na hora de reformá-la?

Alicia Fernandez — Foi feita uma reforma, mas não a que precisamos. Neste momento de predomínio da globalização, algumas reformas buscam a qualidade total, o que implica tratar a escola como empresa, priorizar o resultado em vez do processo. Isso é grave porque está voltado para o consumismo. Algo que chamo de ética do êxito, parecido com um slogan encontrado num folheto sobre Nova York: “Uma cidade que perdoa tudo, menos o fracasso”. Êxito pouco tem a ver com a necessidade das crianças e suas possibilidades. Do contrário, elas cursarão o primeiro grau apenas para passar para o segundo, irão para o segundo grau apenas para fazer o vestibular, farão universidade pensando apenas em chegar ao mestrado e assim por diante.

Correio — Quem entende de educação: professor ou o psicopedagogo?

Alicia — Tire o “o” e ponha o “e”. O psicopedagogo não é um professor melhorado. A psicopedagogia é outra forma de entender a educação. É importante contar com os dois. A pedagogia trabalha com informação e

Ricardo Borba/ Di-rio de Pernambuco



Alicia explica a audiência de professores brasileiros a nova maneira de educar: articulação entre inteligência, desejo, organismo e corpo de quem está aprendendo em relação a outro que está ensinando

conhecimento; a psicopedagogia com com aspectos subjetivos da educação. É uma disciplina nova. Daí decorre sua riqueza e força.

Correio — Alguns professores criticam os psicopedagogos dizendo que eles estão se metendo numa história que não conhecem — a história do aluno.

Alicia — A psicopedagogia funciona como a rede para o trapezista. Se cair, ele não morre. Articula inteligência, desejo, organismo e corpo de quem está aprendendo em relação a outro que está ensinando. Estabelece a interrelação entre ambos, sem concentrar-se apenas no conhecimento. Graças a ela, sabe-se que há problemas com a maioria dos diagnósticos que atribui déficits de capacidade a certas crianças. Isso é algo muito sério em nível ético. Existem muitos casos de crianças classificadas como deficientes mentais sem serem. Oitenta por cento dos que frequentam escolas especiais não deveriam estar ali e vão se transformando em deficientes mentais, pois é sabido que construímos nossa identidade a partir de como os outros nos vêem, do que esperam de nós.

Correio — Quais as consequências desse comportamento?

Alicia — A escola é fundamental, cumpre uma função grande porque é o elemento fora da família que vai legitimar a inteligência de uma criança. Se o aluno fracassasse na escola e pronto, tudo bem, mas quando isso acontece, o aluno se considera incapaz para toda a vida. A psicopedagogia procura, então, resgatar as possibilidades do ser humano como aprendente.

Correio — Alguns educadores acham que o psicopedagogo é desnecessário.

Alicia — O psicopedagogo tem que estar preparado para diferentes problemas, na família, na escola, na sociedade. Não vamos tirar mercado de trabalho de ninguém, porque um psicopedagogo não faz o mesmo que um psicólogo. Faz outra coisa, outro tipo de intervenção. Para um diagnóstico de aprendizagem, precisamos de diferentes profissionais, como fonoaudiólogo, médico, professor etc. O pedagogo trata da dinâmica de métodos de ensino, dos conteúdos; o psicopedagogo se relaciona com o aluno e o professor, com o aprender

melhor, independente do conteúdo.

Correio — A escola é ruim ou é o aluno que é despreparado?

Alicia — Nenhum dos dois. É preciso ver, em cada circunstância, onde está o peso, o que faz a criança e o que fazem com ela. Tome duas pessoas que não se alimentam, um por ser vítima de desnutrição e outro de anorexia. O resultado, nos dois casos é o mesmo. Mas um não se alimenta por falta de comida e outro por falta de vontade. No caso da escola, na maioria das vezes se está diagnosticando o anorexia como desnutrido. Considera-se o problema da criança como o problema da escola. Ele não aprende porque recebe algo que não necessita. Mas a criança pensa que o fracassado é ela. Inteligência não é como um braço, que cresce mesmo com a pessoa vivendo um problema psicológico. A inteligência se constrói. Mas se a pessoa não a exercita ela vai se aprisionando.

Correio — O sistema de avaliação está correto?

Alicia — O perigo está aí: na criança não dar conta. A escola tem um papel mais amplo do que ministrar conteúdos. Mas as avaliações são sempre do

gênero o professor pergunta e o aluno responde. Deveria ser o contrário, o aluno deveria ser avaliado pela sua capacidade de perguntar, pois é assim que o conhecimento cresce.

Correio — Quais são as causas dos elevados percentuais de repetência?

Alicia — Existem repetidores exitosos e alunos passam sem aprender. Estes não estão preparados para entrar na vida. Já os que repetem demonstram um grande desejo de aprender porque poderiam ficar em casa e no entanto continuam na escola. Em Goiânia, pesquisou-se e descobriu-se porque os erros mais frequentes eram cometidos por um grupo de adolescentes originários de famílias de baixa renda. Eles escreviam INDIOMA, em vez de IDIOMA. A maioria era descendente de populações indígenas, cujo idioma estava sendo aplastado por outro. Talvez seja uma reação inconsciente. É preciso escutar com atenção situações como essas.

Correio — A TV é ruim?

Alicia — Depende do conteúdo. Trata-se de uma técnica com grandes possibilidades. Esse ensinante

metido dentro das casas é um objeto que pode estar mudando o modo de ensinar e aprender de todos. Não questiono o que ele ensina, mas o modo como ensina. Não se pode interromper uma TV e dizer: “Não entendi. Repita”. A TV está gerando um subjetividade que chamo de inibição cognitiva. Está gerando um distanciamento. Nós, os expectadores, nos sentimos pouco importantes, pois as coisas passam na TV independente de estarmos ali ou não.

Correio — Meninos têm mais problemas do que meninas?

Alicia — No Brasil, Argentina, Estados Unidos e França, 70% das crianças que consultam um profissional são meninos. Por que? Os ensinantes homens são poucos. Na Argentina, 95% dos professores no primeiro grau são homens. Pode-se deduzir que é difícil para os meninos aprenderem sem ter homens com quem possam se identificar, pois para aprender é preciso se identificar com o ensinante. Se sou menino e tenho uma professora, não posso dizer “quando crescer quero ser como a senhora”. É a mãe quem dá as primeiras aulas em casa, onde o pai se omite.

REGANDO O TALENTO JOVEM

Se fosse invisível, o que você faria? Brincadeira para a maioria das pessoas, essa pergunta foi dever de casa para 37 alunos considerados superdotados que duas vezes por semana passam a tarde no Centro de Ensino nº 3 de Taguatinga. Timido, Lehlilton Pedrosa, 12, 6ª série, é um deles. Quer ser escritor. Lê poesia, romances e filosofia, assunto de discussões com a irmã, universitária. “Descartes (René, francês, século XVII, base do pensamento moderno) pensou bem quando disse ‘penso, logo existo’. Mas não concordo que tem que ter pensamento para existir. A cadeira, por exemplo, não tem cérebro e existe”, viaja o garoto. Seu livro de cabeceira: O Mundo de Sofia, de Jostein Gaardner, história da filosofia para o público juvenil.

William Gonçalves, 11 anos, 6ª série, também estuda lá, mas ao contrário de Lehlilton, o que lhe desperta o interesse não são letreirinhas impressas ou tiradas abstratas sobre a vida. Audacioso, William desenha com perfeição super-heróis com cara de habitantes de planeta remoto. “Adorei a história do macaquinho de Santa Maria que saiu outro dia no Correio”, lembra. Ele e o resto da turma gostam de ler jornal, estudar Matemática e Ciências, jogar xadrez e assistir televisão.

Aqui não tem gênio, mas crianças desenvolvidas”, explicam as professoras Eunice Bisinoto e Neuza Bontempo, orientadoras do grupo ao falar desse outro tipo de criança diferente. São meninos e meninas em ge-

ral independentes e preocupados precocemente com o futuro, entre outras características como facilidade de concentração e alto grau de curiosidade. “Eles sabem que têm um grande potencial, mas precisam trabalhar muito para fazê-lo florescer”. Os problemas não estão na turma. Faltam transporte para levá-los para passear, computadores que entretinham os mais curiosos e uma sala exclusiva onde possam trabalhar.

Sobra disposição. A começar do governo, um dos poucos no país a se preocupar com crianças que bem cedo na escola revelam habilidades especiais. São 230 em todo o Distrito Federal a merecer atenção redobrada dos professores: pesquisam o que mais gostam, exercitam a criatividade, cuidam dos pontos fracos, fazem excursão, brincam com jogos estratégicos e são estimulados a usar a cabeça em tudo que mexem.

Quando é necessário, o conteúdo da série cursada pelo aluno é acelerado; o lado emocional, um dos mais cuidados, para evitar frustrações ou problemas causados pela forte reação que alguns têm à normas e disciplina. Para a imaginação, contudo, não deve haver limites. Débora Santana, por exemplo, está discutindo a redação de uma peça teatral com as colegas Emanuele e Ranna. Ela acha que o texto deve ir muito além de uma boa idéia. Deve deixar uma lição para quem for ao teatro. “Respeite as leis do trânsito, não por lixo na rua”, diz. (JN)

Wanderley Pozzembom



Turma de superdotados em Taguatinga: jogos, exercícios de criatividade e liberdade de imaginação para estimular a revelação de jovens talentos